

A EGRÉGORA

Imortalidade



Vinícius
Tadeu

“E as feras do deserto se encontrarão
com hienas; e o sátiro clamará
ao seu companheiro;
e Lilite pousara ali,
e achará lugar
de repouso
para si.”

2

Prólogo

Eu fui criada da terra junto com Adão.

Parceira e não sujeita!

Inimiga ferrenha da submissão.

Não me ouviram e me lancei ao vento.

Pousei nos braços de todos os demônios que encontrei pela frente e não podia mais voltar.

Tomei as rédeas das mãos do destino e tracei meu próprio rumo. Criei o meu caminho e avancei pela senda que somente eu sabia existir:

— O sexo!

Muitos me seguiram!

Cada vez mais forte através dos tempos, aqui estou vencedora, triunfante... a maior! Se não das virtudes que apregoam aqueles que se proclamam puros, mas da realidade que os cerca.

Meu medo?

Meu único medo!

— O Ceifador! Grim Reaper! — *A Morte!*

Ela! A quem eu venho driblando há tempos, mas sabendo não poder fugir por todo o sempre.

— Ela, a que controla a porta dos fundos, a que faz desse um mundo maldito e medonho.

A que se vangloria ser mais velha que Deus.

A verdadeira dona do esquecimento eterno.

— Eu? Eu controlo a porta da frente!

É certo que alguns também entram por umas poucas janelas abertas e todos saem pela porta dos fundos.

— Mas é somente nisso que ela leva vantagem sobre mim.

Portanto, posso pensar com orgulho que eu criei o mundo tal qual é conhecido.

— E, por isso, não aceito morrer.

Eu sou a Vida e a Morte destrói a vida.

— Temo e tremo!

Lilith

Capítulo 1

Eduard terminou de fazer o *check-in*, pegou um *folder* turístico e se afastou para um canto do balcão fingindo interesse na leitura. Aguardou pacientemente que outros hóspedes fossem atendidos e, assim que a recepção ficou vazia, fez um sinal discreto para o recepcionista.

— Em que posso ajudar?

— Quero olhar as fotos de garotas.

— Vou mandar o mensageiro levar o *book* aos seus aposentos.

— Não! Quero as reservadas, as VIPs.

O recepcionista apenas olhou para ele.

— Entendi! — Eduard retirou da carteira uma nota de cinquenta dólares e colocou em cima do balcão.

É sempre assim, pensou.

Muito embora considerasse o valor da gorjeta recomendação suficiente, o funcionário do hotel fez uma rápida análise de perfil: americano, fluente em português, Porsche alugada, ele sabia que as locadoras desse tipo de veículo eram muito exigentes na análise de cadastro do cliente; cartão black, roupas diesel e, principalmente, óculos de sol Oakley C Six. Respondeu:

— Eu vou até sua suíte senhor.

No quarto do luxuoso hotel, Eduard não se preocupou em desarrumar as malas, sentado no canto da cama aguardou que o recepcionista lhe trouxesse o que havia pedido. Um simples toque na porta o fez levantar e atender.

— Por favor, entre. Não vou demorar, mas fique a vontade.

— Obrigado! — respondeu o jovem ao mesmo tempo em que entregava um álbum com algumas poucas fotos.

Eduard sabia que ele ficaria até a devolução das fotos, uma cautela especial contra cópias. As meninas normalmente universitárias, algumas até casadas, retribuíam com generosas quantias esse cuidado especial. Olhou as fotos de duas garotas e parou na terceira.

— Uau! — não pode evitar a exclamação enquanto retirava um papelote colado na primeira foto da garota; pouca coisa escrita, apenas nome e um telefone celular.

Eduard nem quis olhar as demais, sabia exatamente o que gostava e o que queria; devolveu as fotos ao jovem.

— Use o telefone do hotel senhor, senão ela não vai atender; ela tem os números gravados — o rapaz continuou parado onde estava.

Eduard pegou o telefone indicado e discou o número que constava na papeleta.

Pensei que tivesse desligado essa droga.

Brenda retirou o celular da bolsa.

Hum! Hotel Meridian! — leu no visor do aparelho.

— Brenda!

— Pode vir agora ao hotel?

— Que pena, tenho um compromisso.

— Eu cubro a oferta... mil... dólares.

— Não era esse tipo de compromisso, mas tudo bem. Estarei aí em quinze minutos.

— Vinte, zero, um.

— Certo! Até já.

A voz da garota era suave, combinava com as fotos, o que o fez se parabenizar pela escolha.

— Tudo certo, senhor?

— Tudo! Obrigado!

No mínimo mais cinquentinha pro bolso do papai aqui — o funcionário saiu fechando a porta e contabilizando o ganho.

Brenda pegou o primeiro retorno. *Bom... férias adiadas!*

Enquanto manobrava o carro pela alça de acesso à rodovia, ela continuava a pensar em sua decisão de uma folga prolongada. *É... repensar a vida vai ter que esperar mais um pouquinho.*

Em pouco tempo Brenda estacionou o carro na porta do hotel, entregou a chave ao manobrista, e subiu sem anunciar.

Duas horas mais tarde retomou a estrada rumo às merecidas férias.

— Férias... aqui vou eu. Agora nada vai me impedir — completou desligando o celular.

Brenda não estava arrependida de ter feito a leve interrupção da viagem programada há dias, simplesmente não gostava de mudar suas decisões depois de tomá-las.

Mas mil dólares são mil motivos, justificou para si mesma.

Capítulo 2

Não muito distante dali, duas garotas de programa conversavam sentadas na sala de visitas de um pequeno apartamento. Já passava das onze quando terminaram de tomar o *café da manhã* e, ainda de robe, papeavam descontraídas.

— Gina, você se lembra da nossa conversa?

— Não me venha com aquele papo de novo
— disse a outra balançando a cabeça.

— Só porque somos putas?

— Não! Porque cirurgia plástica é cara.

— Mas não me sai da cabeça.

— Então é melhor tirar, filhos dão trabalho; isso sem pensar em ter que malhar o corpo outra vez. Pensa bem... no mínimo dois anos sem faturar e, quando voltar... se voltar, vai estar dois anos mais velha. Coloca na balança... adeus corpinho de menina moça e é isso que fatura.

— Sei lá... será que sou só eu, em meio a milhares de prostitutas, que pensa em ter um filho. É isso?

— Milhares não... milhões! E... não! Não é só você... todas pensam... acho. Eu penso, mas fica só nisso. Não dá e pronto!

Sua colega, Mirthes, fez uma cara tristonha.

— E se eu juntasse uma grana pra depois poder ficar um tempo sem fazer programas?

— É... e quanto já juntou até agora?

— Nada... e ainda tenho parcelas do silicone para pagar.

— Tá vendo... E quanto mais velha ficar, mais gastos com plásticas; e isso sem que nenhuma gravidez venha para atrapalhar. Eu não sei você, mas eu mal posso suportar uma semana por mês sem fazer programa. Olha menina, a concorrência é ferrada e cada dia aumenta mais, nunca vi tanta puta na minha vida... sem contar a competição das tantas *free* que existem por aí. Sem um corpo escultural e tempo para fazer programas... já era — Gina balançou a cabeça.

— Tem razão! E os melhores programas são à noite, finais de semana e viagens; onde vou arrumar uma babá de confiança para ficar direto com o bebê e quanto isso vai me custar. O que me dá agonia é não saber como as outras iguais a nós lidam com isso.

— Mirthes... não conte pra ninguém... as outras eu não sei, mas eu crio um filho imaginário. Em minha imaginação arrumei um cara cheio da grana, legal, que me ajuda em tudo com o nosso filho... Renan, uma graça — Gina esboçou um sorriso leve —, ele está com dois aninhos. Vamos

juntos ao parquinho, ao shopping, ao cinema, ao Mac... — suspirou.

— Você é louca mesmo.

— Sim! Mas só vão descobrir se eu começar a andar de mãos dadas e falar sozinha — Gina riu.

— Mas acho que tem razão, vou preparar o meu também, ao menos assim ganho um tempo.

— Vai firme garota... e agora ao trabalho, tenho um encontro à uma e preciso me arrumar.

— Vai lá.

Sozinha após a saída da amiga, Mirthes se pôs a pensar em como seria sua vida se tivesse mesmo um filho. Ou melhor, se estivesse grávida de verdade.

— Junior... tá aí, mas preciso pensar no nome do pai. Deixa-me ver... hã... aquele italiano, cara super, demais; sempre de boa. Algumas vezes pílulas falham, conheço vários casos assim. É isso aí... Junior!

Como era mesmo o nome do cara?

— Não importa! *Importa sim!*

Distraidamente começou a andar para um lado e outro vagorosamente. *Fica assim... esqueci de tomar pílula um dia... não, melhor dois. Viajamos, eu e o... Etor, não... não era Etor. Que cabeça a minha, também pudera, são tantos; é impossível lembrar todos; mas esse eu lembro.*

— Como era mesmo? — Mexeu no celular, mas não achou nada. Foi até a cozinha e tomou um gole de água, voltou e sentou-se no braço do sofá da sala.

Acho que é o mesmo que Hector, Mirthes voltou a pesquisar no celular.

— Ettore... Ettore... É isso... O Ettore e eu viajamos.

Pra onde mesmo?

— Florianópolis! Não... muito longe, foi só um final de semana. Cabo Frio... tá aí, Cabo Frio. *Ficamos em uma pousada... como era mesmo o nome... Diabos! Eu não sei o nome de nenhuma em Cabo Frio, também como posso, nunca estive lá; embora tenha vontade, dizem que o lugar é lindo.*

12

Voltou a circular pela sala.

— Miramar... *muito comum; Doce Lar... muito família; algo mais romântico...* Casa do Sol — olhou pela janela do apartamento, lá fora o sol brilhava.

— Aí sim... Casa do Sol... energia... vida... e amor, muito amor.

Dormir na praia, o sol nascendo, amor ao romper da aurora — sorriu satisfeita.

— E o Ettore Junior a caminho.

A garota vibrou como se tudo fosse verdade.

Mirthes continuou visualizando a viagem de final de semana em que “engravidou”. Podia até sentir a brisa da madrugada.

— Tempos depois eu liguei eufórica para o Ettore.

Não dá! Não deixou telefone... e não mais soube dele.

— Mas posso ter encontrado outro cara... abandonada grávida pelo ex... sempre cola!

Isso foi quando?

— É importante! Estou de quanto tempo? Deixa ver...

Foi na copa... no começo... ainda estávamos todos animados.

— Fica assim, primeira semana de julho! Foi assim mesmo!

Então vou fazer dois meses. Mirthes sorriu novamente e seu rosto ficou iluminado.

— Estou de dois meses! Joia!

Como é o neném... olhos azuis?

— Lógico! Meus olhos são azuis e os de Ettore também; isso eu tenho certeza, fiquei encantada. *Só pode nascer com olhos azuis, senão não é dele; já li sobre isso.*

Mirthes continuou montando seu bebê, *e o cabelo... loirinho. Tem que ser, o Ettore é loiro também.*

—Sim! Loiro de olhos azuis.

Lembrou que muitas colegas teimavam que ela era uma loira tingida, mas tinha a certeza delas estarem enganadas.

Nasci loira! Deviam colocar isso na certidão de nascimento, pensou com a nítida intenção de esfregar o documento na cara das outras, *pena!*

Uma hora depois deu por terminado os detalhes quanto ao bebê.

Um celular tocou e apenas pela música ela soube ser aquele que divulgava como Mirthes. Fez um gesto de jogar uma das mãos para trás.

Ao invés de atender o celular, se aprontou e foi para um shopping.

Passou horas perambulando por lojas e mais lojas de artigos para bebê. Às vendedoras sempre dizia estar grávida de dois meses e recebia com emoção os cumprimentos. A uma delas, por certo uma novata, contou até os detalhes da historinha da gravidez; chegando ao ponto de cansar a garota que ganhava comissão de vendas.

À medida que as perguntas iam surgindo, Mirthes completava suas mentiras; em pouquinho tempo já tinha a história toda como verdade.

Cansada, retornou ao apartamento.

Quando Gina chegou, já por volta das onze da noite, Mirthes estava impaciente.

— Morrta... — foi falando a que chegava, enquanto arrancava os sapatos com salto alto e os jogava em um canto da sala.

Mirthes apenas ficou parada na frente da amiga com os braços escondidos atrás do corpo.

— Olha o que eu comprei... — esticou um braço e colocou uma caixinha na mão da colega — Abre!

Gina olhou o interior da caixa e lançou um olhar estupefato bem nos olhos da amiga — Você endoidou de vez... só pode.

— Lindinho, não é?

Um par de sapatinhos de bebê, azuis com direito a lacinho e tudo mais, estava agora nas mãos de Gina.

— E aí? — Mirthes insistiu.

— É só um faz de conta, não pode sair comprando coisas... só falta aparecer aqui na porta um cara para entregar um berço — a amiga respondeu enquanto balançava a cabeça. *Essa é doidinha mesmo!*

— Não seja estraga prazeres — Mirthes respondeu, sem se incomodar com o comentário de desdém da outra.

— Tá bom! Mas que serventia tem?

— É um enfeite, vou colocar no meu quarto.

— Deixa pra lá. Saiu hoje?

- Só pra ir ao shopping.
- Nenhuma ligação — Gina agora se referia a ligações para programas.
- Algumas, mas não atendi.
- Perdeu um dia só pra comprar bobagens.
- Não é bobagem... é lindinho, você gostou; diz a verdade.
- Ora bolas!
- Foi só essa vez, garanto. Depois eu dou para alguém, afinal crianças crescem rápido.
- Só faltava essa! Vou tomar um banho e deitar, estou morta.

Gina foi para o banheiro e Mirthes para o quarto dormir; a primeira de muitas noites de sonhos com seu bebê.

Capítulo 3

— **Forte, vigorosa e poderosa!**

A bela jovem de pele dourada, cabelos de fogo e olhos dourados girava ao som de uma música imaginária. O vestido vermelho cintilante levantava com a força do giro; os braços abertos formavam um círculo maior e os cabelos longos, soltos e esvoaçantes desenhavam outro círculo.

Com a Lua formando um cenário de fundo, a sobreposição das imagens, corpo e lua, deixava a impressão de um eixo com seus círculos; não precisava muito para lembrar o equador terrestre e os trópicos de Câncer e Capricórnio.

As poucas nuvens abaixo estavam sendo forçadas, pelo giro, a formar espiral; a dançarina, que se mantinha no centro, começou a afundar em um turbilhão.

O redemoinho provocado pela energia do movimento circular cada vez mais veloz fez com que as nuvens se deslocassem para baixo, no rumo da Terra, formando um vórtice.

Num clarão a forma humana foi dissolvida e a energia invisível precipitou na superfície do planeta, qual um raio sem luz e sem o barulho do trovão.

As formações meteorológicas voltaram à sua imobilidade anterior, mas aqueles poucos instantes de instabilidade não passaram despercebidos em uma pequena cidade do interior do estado.

À beira de um pequeno riacho, uma jovem, sentada em um tronco, segurava na mão um livro de poesias. Tinha acompanhado o crepúsculo e agora acompanhava a lua cheia logo acima do topo de uma montanha. O olhar perdido no horizonte foi deslocado para cima e depois para sua barriga, bem na altura do umbigo; ao mesmo tempo sentiu um frio imenso por todo o corpo.

— Nossa! Como esfriou de repente — olhou e sentiu com uma das mãos os pelos arrepiados no outro braço.

Brenda ainda podia sentir na pele o estranho calafrio, quando foi se dando conta que não havia mudança alguma na temperatura e que as poucas nuvens existentes estavam se dissipando. O calor abafado permanecia sem que fosse necessário o brilho do sol. Mesmo assim resolveu entrar.

— Mãe!

— O que foi filha?

— Sentiu um vento gelado agora a pouco?

— Nesse calor, quem dera. Por quê?

— Eu estava sentada na beira do rio quando senti um calafrio, olha, até agora estou arrepiada.

— Sei não... — a velha senhora balançou a cabeça para os lados.

— Ei, que cara é essa. Posso saber?

— Eu é que não quero saber e seu pai vai querer muito menos. Gravidez minha filha!

— De onde tirou isso, só se for do Espírito Santo.

— Sei não!

— Nada disso... é que estou desacostumada com o clima do interior. Só isso! — a moça fez um leve movimento com a cabeça para baixo.

— Pode ser, mas num calorzão desses é de se estranhar.

— Vou ler no quarto — Brenda encerrou a conversa.

— Eu chamo quando o jantar estiver pronto, seu pai vai demorar um pouco para voltar; quando vai até a vila ele esquece que tem casa.

Brenda evitou falar que estava enjoada e sem fome, exatamente por não querer dar mais asas à imaginação da mãe.

Entrou no quarto e encostou a porta.

Não pode ser!

Preciso pensar!

Deitou-se na cama, apoiou o livro aberto sobre a barriga e começou a rever o que passou nos últimos dias; tudo o mais ficou esquecido.

Repassou sua decisão de dar-se um tempo para pensar, chegando à conclusão que estava certa; precisava mesmo organizar as ideias. Deixar aquela vida, estudar, arrumar um emprego; talvez casar. Acompanhou mentalmente o trajeto desde a saída do apartamento, procurando pular o pedaço em que passou no Meridan; o dirigir por horas até encostar o veículo na porta da casa dos pais.

Imaginou tudo ao seu redor, o pequeno sítio, uma propriedade encravada num vale em meio a algumas montanhas, onde se podia ouvir o correr das águas do riacho passando entre as pedras; tal a quietude do lugar.

O passar das horas na barranca do riozinho, enquanto a mãe cuidava dos afazeres diários e o pai às compras para reabastecer a despensa.

O som do canto dos pássaros se sobrepondo ao burburinho das águas, as batidas de suas asas ao revoarem próximo ao anoitecer, o piado dos inhambus; tudo a levando novamente aos tempos de menina.

Sentiu bater a saudade de um tempo ao qual sabia não mais pertencer.

Depois, o estranho calafrio.

Uma dúvida cruel.

E o medo.

Estranho!

E se eu estiver grávida mesmo, recordou ter interrompido o anticoncepcional assim teve a ideia da viagem; exatamente para não desistir. Já tinha desistido outras vezes.

Por quantos dias eu tomei, arrependeu-se de ter jogado a cartela no lixo.

Meus pais aceitariam sem problemas, mas não conseguia se enxergar morando outra vez no interior.

Eu ganho bem, posso continuar na cidade. Nada vai mudar!

Brenda sabia que não podia contar com ajuda financeira dos pais, não ao nível de gastos a que estava acostumada; ficar na cidade grande era a mesma coisa de ter que se virar por conta própria. Evitou pensar sobre mais problemas e acabou adormecendo.

Um sonho agitado tomou conta de Brenda, nele uma menina, criança ainda, não mais que oito anos, provocava dois meninos possivelmente da mesma idade; forçou um deles a passar a mão entre suas pernas. O outro fugiu apavorado e o que ficou não sabia o que fazer e, muito menos, o porquê daquilo.

Na sequência do sonho a menina, agora aparentando doze anos já transava com um rapaz bem mais velho. Sua beleza era estonteante e suas

habilidades em sexo deixaram Brenda, mesmo dormindo, de boca aberta.

Como pode?

Quando a mãe veio chamá-la para o jantar, balançava a cabeça para os lados, tentando desfazer um sonho que teimava em apresentar cenas da agora mocinha transando com uma infinidade de parceiros.

— Brenda, acorda!

Sentiu a mão da mãe balançando seu ombro e foi com prazer que abandonou o estranho sonho.

Três dias de enjoos e tonturas e resolveu interromper a viagem que originalmente estava programada para dez. Tinha quase certeza de estar grávida e não queria que os pais descobrissem; não arriscava sequer a comprar um teste na farmácia da pequena cidade. Precisava voltar à cidade grande e consultar um médico.

Poucos dias depois de retornar à privacidade da grande metrópole teve a confirmação.

— Grávida! E agora?

Na cabeça de Brenda tudo se ajustava com certa facilidade, continuaria fazendo o que vinha fazendo antes, mas não foi bem o que aconteceu; três meses depois veio sua primeira surpresa.

— Como Gerson, vai me tirar de *privê*. Eu estou com você a um tempão.

— São dois clientes insatisfeitos em uma semana, não dá mais Brenda. Já tinha ouvido reclamações, mas esse último te pagou e mandou embora sem transar. Se quiser te ponho no *book*, mas você sabe, o preço é bem mais baixo e a clientela menos seleta.

— Pode ser! Eu tenho que faturar.

— É, mas vê se malha mais, tá com uma barriguinha; conselho de amigo.

Com menos ganho Brenda teve que reduzir despesas, já não renovava o guarda-roupa e a cada dia podia gastar menos com cabelereiro; largou a academia e começou engordar cada dia mais. Não demorou em ser retirada também dos *books* dos hotéis.

Tenho que procurar um lugar mais barato, sabia que seus ganhos já não comportavam as despesas com o *flat*. Procurou nos classificados e encontrou um anúncio de duas colegas propondo dividir apartamento e foi conhecer o local.

— Grávida?! Por mim tudo bem, mas só até o neném nascer; depois não dá. Criança chora e temos que dormir de dia — disse Gina assim que conversou com Brenda.

— Grávida! Que legal! — Mirthes quando chegou ficou eufórica ao saber que a nova colega de apartamento estava esperando uma filha.

Nessa altura Brenda já sabia o sexo da criança.

— Por dois anos ficamos somente as duas, mas as despesas aumentaram muito e diminuiu o ganho, por isso decidimos dividir o AP com mais duas; uma fica comigo e a outra com a Mirthes.

— Pra mim está ótimo — disse Brenda.

— Brenda fica comigo, no meu quarto; não abro mão.

— Tudo bem Mirthes, pra mim tanto faz uma ou outra — concordou Gina.

Brenda se mudou no dia seguinte, os dois quartos já eram mantidos com duas camas de solteiro e o guarda-roupa existente passou a ser compartilhado; as demais áreas do apartamento ficavam de uso comum.

Poucos dias depois Carmem chegou, era a nova colega de quarto de Gina. Mais velha que as outras, uma coroa, como diziam entre elas; mesmo assim tinha sua clientela. Também ficou encantada com a colega grávida e isso tornou a vida de Brenda um pouco mais fácil.

O difícil foi quando os programas para Brenda foram ficando cada vez mais raros. Para quem já recebeu mil dólares por um programa, a vida não era fácil quando os tinha que fazer por cem reais e, às vezes, até por menos. Para

continuar a honrar o compromisso assumido com as amigas nas despesas com a moradia, já tinha vendido o carro; e há tempos quem cuidava do seu cabelo era a Mirthes; as unhas ela mesmo fazia.

O tempo foi passando e perto do sexto mês teve que parar de vez com os programas e suas despesas passaram a ser suportadas por Mirthes. Assim, para poupar gastos, uma passou a cuidar do cabelo da outra.

Com uma grávida de verdade por perto Mirthes praticamente se esqueceu do seu bebê imaginário. Toda sua atenção se voltou para amiga e o neném dela. Por vezes se lastimou de ter comprado sapatinho azul até se decidir por trocá-lo. A loja trocou sem problemas ao justificar que o bebê da amiga, para a qual tinha comprado o presente, era uma menina. “Isso acontece sempre, é mais comum do que você pensa” apenas disse a gerente. E, com a troca, Mirthes sepultou de vez o seu Ettore. Ao que tudo indicava Gina também tinha abandonado seu filho fictício.

As duas colegas haviam combinado anotar todas as despesas extras que Mirthes estava tendo com a nova situação da colega; Brenda devolveria assim que voltasse a fazer programas.

O acordo de não permanecer no local depois de ter a criança tinha que ser mantido e não podia

ir para a casa dos pais. Brenda sequer havia contado a eles da gravidez. A solução foi proposta por Mirthes quando um dos apartamentos, dois andares acima, ficou vago.

— Vamos criar a nenê nós quatro... mãe é que não vai faltar; quatro por falta de uma.

— Falta de uma? Nunca vi isso, nascer sem mãe não dá — Gina brincou.

— É! Olha nas ruas quantas crianças; você acha que elas têm mãe de verdade.

— Mãe elas têm... criança não dá em árvore.

— Gracinha! Você entendeu Gina.

Naquele mês Brenda passou mal, com fortes dores abdominais. Com pouco dinheiro, tinha deixado de pagar o plano de saúde já há alguns meses. A solução novamente veio de Mirthes:

— Vamos te internar com meu nome, no meu plano de saúde.

Tudo foi feito dessa forma e quando Brenda foi ter o nenê se utilizaram do mesmo expediente; o nome de Mirthes.

Brenda teve o bebê por parto normal e no dia seguinte estava em casa; no apartamento que haviam alugado no mesmo prédio. Aluguel em nome de Mirthes, sempre Mirthes.

Alguma coisa estava errada com a saúde de Brenda e ela passou em um posto de saúde onde

foi diagnosticada uma arritmia cardíaca, mas não comentou nada para as colegas.

Um mês depois foi visitar os pais, mas não contou sobre a gravidez e a filha. Havia decidido visitá-los exatamente para evitar que viessem vê-la na capital.

Eles são muito moralistas, a cidade é muito pequena, o falatório iria prejudicá-los e não ia resolver problema algum, justificou a si mesma.

Estava tomando os remédios para controlar a arritmia, mas um dia quando saiu para atender um cliente passou mal e foi de taxi para um pronto-socorro; na pressa esqueceu a bolsa no veículo.

Sofreu uma parada cardíaca e morreu.

Na internação tinha utilizado o nome correto, o de batismo, Maria das Dores de Souza; com o endereço dos pais.

Quando Gina chegou por volta da meia-noite foi direto ver mãe e filha no apartamento onde moravam e encontrou apenas a Mirthes, sentada no sofá e com o neném no colo.

— O que houve?

— Não sei, Brenda saiu à tarde para um programa e não retornou até agora. Não ligou e nem mandou mensagem. Tentei ligar várias vezes, mandei torpedos, tentei pelo *whats*; nada! Todos os celulares dela dão fora de área ou desligados.

— Bom, o jeito é ficarmos aqui até ela chegar.

— Você está cansada, vá descansar; eu fico aqui com a bebê.

Acionada pelo hospital, a polícia conseguiu localizar e avisar os pais da falecida e eles vieram para São Paulo buscar o corpo. Sem saber nada mais sobre a filha, eles desistiram de procurar o local onde ela morava e levaram o corpo para ser enterrado no interior.

Para a polícia Brenda simplesmente não existia e Maria das Dores, falecida de morte natural, não era considerada uma desaparecida. Com seu corpo reconhecido e retirado pelos pais as formalidades estavam completas; e não houve qualquer registro nos arquivos da polícia.

Com poucos dados sobre a colega, em resumo que era do interior e se chamava Maria, todas as tentativas de localizar seu paradeiro restaram infrutíferas.

— Eu vou ficar com a Gisele — Mirthes estava decidida.

— Não! Nós vamos ficar com ela, você registra em seu nome, já tem a declaração do hospital atestando que você é a mãe e pronto; fica resolvido assim — Gina concordou parcialmente.

Carmem balançou a cabeça aquiescendo.

— Pra mim está ótimo assim, eu é que não tinha coragem de pedir isso para vocês. E você Carmem, está de acordo? — Mirthes perguntou.

— Sim! Mas você não vai poder trabalhar, pelo menos por enquanto. Nós bancamos as despesas, Gina e eu — disse Carmem.

— Concordo! — falou Gina.

Mesmo sendo grata às boas intenções das amigas, Mirthes discordou; não admitia ser um peso para elas.

— Não! Assim fica muito pesado pra vocês, podemos revezar; eu tenho clientes que me pagam bem — acrescentou Mirthes.

— Se devolvermos um apartamento as despesas diminuem bastante, você fica com a *Gi* em seu quarto.

— Desculpe-me de continuar discordando de vocês, sei que só querem o melhor para mim e a nenê, mas não dá; vocês precisam descansar ou vão ficar com olheiras. Vou procurar uma grávida ou mãe solteira para dividir esse apartamento. É melhor assim, compreendam. Sei que vai ser duro pra vocês também, ainda nem arrumamos outra garota pra ficar com o lugar que era da Brenda.

— Vocês se viraram as duas por muito tempo, Gina e eu vamos nos virar — Falou a Carmem.

— Bom, vamos começar então. Todas nós postando que precisamos dividir os apartamentos, você tem a senha da Brenda, posta lá também — Disse Gina.

— E eu vou colocar um anúncio em algum jornal eletrônico — completou Carmem.

Capítulo 4

Em um lugar onde o tempo não existe.

— Eu não te ensinei a ferir para atacar os humanos — disse Gadrel —, sabe muito bem que não nos é permitido interferir; e você tem feito isso direto.

Gadrel apoiou-se na espada que mantinha na vertical à frente do corpo com lâmina para baixo e as duas mãos apoiadas no pumo.

— Olha quem diz... o pai da mentira! — Foi o comentário de Yekun olhando para o amigo, mas empregando pouca seriedade na fala.

— Comentário típico dos humanos, você fica muito tempo entre eles. É nisso que dá!

— Águas passadas! Um novo Yekun!

— Palavreado humano novamente e que nada significa aqui, onde o hoje pode ser ontem ou mesmo amanhã. Sua rebeldia está te levando a um grande erro... se envolvendo demais.

Gadrel temia os castigos e sabia que viriam.

— Se Ele não quer que eu interfira, não deve deixar que eu veja o que está acontecendo lá; a maldade está espalhada por todo canto e Ele não faz nada pra mudar isso. Mas, como acabei de dizer, eu mudei.

— Onde? Acabou de confessar que vai intervir novamente.

— É... tá certo... se eu não concordar com o que lá acontece, é bem possível que eu faça as coisas tomarem um novo rumo. Está tudo errado!

— Já fomos punidos uma vez!

— Isso mesmo, como você disse, já fomos punidos; o que mais pode nos acontecer? E você, está comigo ou não?

— Não! Se teimar por esse caminho, você vai estar sozinho. Você os ensinou a ler e a escrever, com isso puderam registrar a própria história; devia ter-lhes ensinado a aprender dos erros do passado.

— Eu falo da injustiça que é ver os fortes dizimando os mais fracos. Você sabe que com um só golpe da sua espada podia dizimá-los. No entanto, o que faz é gastar o castão.

— Matar por matar, morrer por morrer; tanto faz um ou outro. Eles que escolham quem mata quem e quem morre nas mãos de quem! Ademais, tudo o que você faz é sempre pensando em você; em seu próprio benefício. Nunca seguiu qualquer das linhas básicas, adota sempre o que podemos dizer uma terceira via.

— Princípios, Gadrel, princípios! Fazer uma Terra melhor, do meu jeito. Não do jeito Dele!

Gadrel acompanhou uma luz forte baixando sobre o amigo e a hoste de punidos se reunindo.

Yekun baixou a cabeça e foi dobrando a perna direita até que esta tocasse o chão; a esquerda ficou dobrada à maneira de um cavaleiro medieval em frente ao seu rei. Sem uma espada para apoiar os braços, apoiou a mão esquerda no joelho da perna esquerda e deixou o outro braço caído ao longo do corpo; posição de joelho de Field Target. As asas meio abertas com as pontas tocando os calcanhares.

O Segundo Céu foi tomado pelo som das trombetas e a luz forte foi focada em Yekun e à sua volta tudo se escureceu e emudeceu.

Dedos enormes se posicionaram sobre o anjo e pinçaram suas asas arrancando-as. Ali, onde as asas eram suas únicas diferenças, pois nenhum ostentava auréola, vez que foram perdidas depois da rebelião; quando retiradas, os deixavam muito parecidos com os humanos e não mais pertenciam àquele lugar.

E todos ouviram novamente:

“quomodo cecidisti de caelo lucifer qui mane oriebaris corruisti in terram qui vulnerabas gentes” — “Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações.”

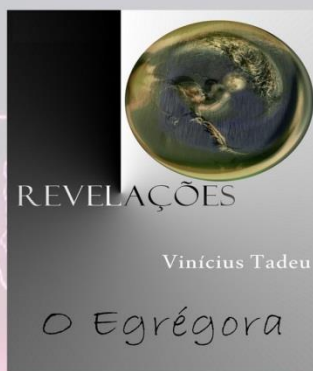
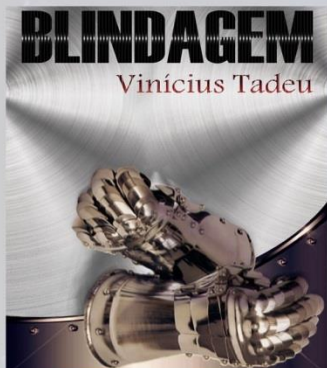
E uma abertura apareceu no Tártaro e Yekun foi nela lançado e ninguém mais o pode ver.

A prisão dos anjos caídos voltou a se fechar e os gigantes se dispersaram.

OUTROS LIVROS DO MESMO AUTOR
GRATIS EM PDF
www.viniciustadeu.com

A EGRÉGORA

Imortalidade



Vinicius
Tadeu

Capítulo 5

“**Eu não estou te reconhecendo**, também pertence à família?” Perguntou um jovem assim que se aproximou de um velho que na sua estimativa devia ter mais de 100 anos.

O outro olhou detidamente para ele, mas não demorou em reconhecê-lo.

“Quando você nasceu eu já tinha morrido, mas você já me viu em foto no álbum de família; Natanael, eu fui o seu avô.”

“O vô Nata, os que te conheceram falavam que era porque mexia com leite. Lembro-me de ter visto uma foto sua, mas de barba feita, bigode bem aparado, cabelos penteados; terno e gravata. Não posso dizer que se pareça com você.”

“Vamos dizer que eu estava produzido; uma pose para aquela foto. No dia a dia da roça eu era assim, exatamente como estou agora. Um pouco acabado pela lida do campo, mas morri bem mais jovem do que aparento, com sessenta anos; dizem que pareço ter cem.”

O rapaz olhou detidamente para o velho, barba e bigode, brancos e longos, amarelados pelo fumo. Cabelos brancos emolduravam um rosto enrugado de olhar sofrido.

“Foi exatamente a idade que eu pensei, mas não seria melhor dar um jeito na aparência, deixá-la mais ou menos igual à foto; eu acredito que aumentaria suas chances de ser escolhido.”

O velho meneou a cabeça antes de continuar:

“Aqui não é agência de emprego meu jovem, eles me conheceram assim; isso é o que aumenta as minhas chances.”

A expressão do jovem discordava.

“Diga-me um coisa avô, acho que ainda posso chamá-lo assim, por que esta reunião de família; se é que podemos tratar desse modo.”

“Meu neto, espíritos oportunistas aguardam um coito para reencarnarem, por isso ficamos sempre atentos; nossas energias reunidas são enviadas ao casal protegendo-os deles e ao mesmo tempo fazendo com que eles se lembrem de nós. Nem eles podem nos ver e nem nós a eles, assim é o certo; os outros é que tentam se aproximar.”

O jovem fez um ar de deboche.

“Não acho que nesta hora qualquer um deles esteja muito preocupado com o fato de termos existido.”

“Conscientemente não, mas seus espíritos estão ligados aos nossos e decidem por eles; existe uma predisposição que eles já tomaram ao, por vezes, se lembrarem mais de um do que de outro.”

“Sendo assim, não vejo risco algum; eles estão conectados conosco.”

“Conosco e com o resto do Universo e aí é que mora o problema; todos têm chance, não em igualdade, mas têm. É uma regra não muito bem definida pra nós, em resumo; oportunidade.”

“O pessoal está sumindo, o que tá havendo?”

“Ainda não foi dessa vez!”

“Ela não vai engravidar?”

“Não! Não dessa vez.”

“Como podem saber, um espermatozoide pode ficar ativo por quase dois dias em média, em alguns casos especiais uma semana.”

“Como eu te disse a pouco, não existe uma regra bem definida; mas nós somos avisados. Para de usar esses argumentos terrenos e ouça sua voz interior.”

O velho desapareceu e o rapaz resolveu ir com ele.

Bem distante dali, o casal a que avô e neto se referiam tinha terminado de manter relação sexual. Deitados lado a lado o homem, um ruivo forte de descendência alemã, pensava na vida, nos afazeres do dia seguinte, no risco de ser demitido do emprego e nas contas a pagar que, por mais que tentasse, não lhe saíam da cabeça. A mulher, uma loirinha do tipo mignon, por seu lado, pensava

comparativamente nas tantas relações amorosas que tinha fora do casamento; ora com um parceiro, ora com outro, às vezes com vários ao mesmo tempo. E assim, cada um com seus próprios pensamentos, os dois adormeceram.

No dia seguinte, tão logo Onofre, o marido, saiu para o trabalho, Creysa começou a se aprontar para sair; tinha marcado um encontro com alguns rapazes num shopping não muito distante.

Diversão, aqui vou eu.

Não se sentia satisfeita com a noite anterior, mas sabia não ser fácil satisfazê-la.

A permanência no shopping foi de pouco tempo e os quatro, ela e três rapazes, se dirigiram para o apartamento de um deles; o motivo: sexo.

Dois brancos, um negro e a mulher, pequena e franzina.

Nem bem começaram a orgia e o rapaz se sentiu sintonizado com a tia, mas não conseguiu ver os demais integrantes da família; nem mesmo o avô. De fato, quando em vida, era o queridinho da titia. Zildo, esse era o nome que usava quando em vida, apenas uns poucos anos mais novo do que ela.

Zildo pressentiu a aproximação dos outros: seres embriagados, maltrapilhos, degradados da espécie humana e procurou se aproximar também.

Agora podia ver a tia gemendo e se contorcendo entre os três homens que a possuíam ao mesmo tempo procurando se revezar de várias maneiras.

— Você não! Atrás não meu bem — Creysa disse para o negro quando este tentou penetrá-la por trás.

Sendo um recém-desencarnado Zildo ainda podia sentir a volúpia do ato, aproximou-se até ficar o mais próximo possível à cama; não mais, por medo dos seres que faziam um cerco à volta se digladiando entre eles para obter a primazia na reencarnação.

Os outros dois homens tentaram novamente trocar de posição, mas o negro que estava por baixo dela virou-a na cama e ficou por cima; praticamente tirando os parceiros do páreo. Por alguns minutos somente ele a penetrava.

Zildo pode ver a luz à volta do casal se expandir e a algazarra dos seres disformes aumentar com gritos de “é agora”. A luz aumentava em brilho e o rapaz também quis se aproximar, mas foi impedido pelos outros.

Uma luz forte vinda do infinito foi projetada até fundir-se à luz emanada pelo casal; de um vermelho vivo e intenso rechaçava toda energia à sua volta; os seres estranhos mais próximos desapareceram quase ao mesmo tempo.

Zildo pode ver que aquele que chegava, era um ser poderoso, mas parecia inconsciente, em transe; mesmo assim fundiu sua luz com a do casal e desapareceu no interior da mulher.

Momentos depois a tia do jovem se levantou e ele pode notar um aumento de brilho em relação aos demais; pareceu-lhe que ela brilhava por dois.

Assim que todos resolveram colocar suas roupas e deixar o local, Zildo também se retirou com pressa para contar sua solitária aventura.

Quanto retornou ao local onde estava antes encontrou o avô esperando por ele. Achou muito bom, pois precisava de algumas respostas.

“Por que você não apareceu, por que ninguém apareceu; acho que perdemos uma oportunidade. Com a força de todos juntos teríamos conseguido vencer os outros.”

“Não nos interessava este tipo de concepção, por isso não atendemos ao chamado. É exatamente essa a oportunidade buscada pelos outros, normalmente só assim é que conseguem reencarnar. Ademais, nesse caso, seria tempo perdido, o que chegou depois era um ser muito forte; um anjo, caído, mas anjo. Nem todos nós juntos seríamos páreo para ele, corre o boato de que é Yekun, o primeiro na hierarquia, sendo punido mais uma vez.”

“Então vamos ter um anjo na família?”

“Sim! Embora este esteja mais para demônio do que para anjo, pelo menos é o que dizem.”

Nove meses depois Creysa teve seu bebê.

Onofre conheceu o filho no berçário e sem nada dizer deixou o hospital e nunca mais foi visto.

Quando Creysa voltou para casa já sabia que não teria condições de mantê-la.

O paradeiro de Onofre era um mistério.

Parentes e amigos assim que viam o bebê suspeitavam do motivo; mas ela tinha certeza e por está razão nem ao menos tentou procurá-lo.

Sem renda, aluguel para pagar, contas de todos os tipos e um filho no colo, buscou uma opção mais barata.

Foi aí que leu o anúncio de Mirthes:

Procura-se moça para dividir apartamento.

Preferência para grávida ou amamentando.

— Nossa! O oposto de tudo que se encontra. Quase ninguém quer criança por perto, muito menos bebê — ligou para Mirthes e soube a razão; ela também tinha um recém-nascido.

Aquilo vinha mesmo a calhar para as duas e elas rapidamente acertaram as condições e dois dias depois estavam morando juntas, se revezando no cuidado dos filhos.

Mirthes, Gina e Carmen haviam combinado esquecerem Brenda e o caso para sempre, e nunca mais falaram sobre o assunto.

Creysa abraçou a profissão das amigas e as duas crianças cresceram juntas, mas já deram os primeiros passos em rumos diferentes.

Enquanto Almir estudava e se envolvia em todos os tipos de manifestações populares contra o governo, Gisele cultivava a beleza; no começo uma brincadeira da mãe e das suas amigas. Depois uma rotina quase que diária em academia, cabeleireiro, manicure e lojas de grife. Com três titias não lhe faltavam presentes e agrados.

Aos oito anos já era eximia dançarina de funk e outros tipos de dança moderna.

Nessa idade, à falta de outro menino por perto promovia sempre um agarra-agarra em Almir que, nessa idade, não via qualquer graça naquela atitude da amiguinha.

Com doze anos já provocava todos os jovens bem mais velhos e transou com o primeiro que cedeu às suas constantes investidas; um jovem porteiro do prédio que abandonou o emprego no mesmo dia e desapareceu.

Quando a mãe e as amigas descobriram que ela havia perdido a virgindade insistiram para saber com quem:

— Não importa, tanto faz! — foi a resposta da garota.

As três recordaram as próprias experiências e decidiram fazê-la tomar anticoncepcional. Daí ninguém mais pode segurar Gisele.

Aos dezesseis anos, um metro e setenta de altura, cabelos longos, loiros e lisos quase tocando o quadril, apresentava o porte de uma mulher adulta. O rostinho meigo, de linhas suaves e pele alva, era realçado por duas brilhantes pérolas azuis de um brilho intenso; um olhar que parecia dizer tudo o que ela era e o que pretendia do sexo oposto.

Suas noites eram noites de prazer e sexo.

Assim que dormia seus sonhos eram de puro encanto e magia, povoados de machos que lhe faziam a corte.

Em noites de lua cheia se via apenas com uma túnica preta por cima do corpo nu, postada ereta no centro de um círculo de seres estranhos aos gritos:

"Carne ela comerá, sangue ela beberá!"

Ao estalo do chicote que mantinha em uma das mãos a horda se aquietou e todos se sentaram mantendo o círculo. Agora uma música podia ser ouvida e, acima dela, com voz suave perguntou:

“O que vocês buscam em mim?”

Ao que todos responderam em coro:

“Nós queremos, através de ti, sentir os prazeres da carne.”

“É o que vos darei!”

Soltou a túnica e ela caiu aos seus pés formando um pequeno círculo, um círculo mágico que permitia àqueles que a cobiçavam e a desejavam se aproximarem; mas impedia que a tocassem. E continuou:

“Eis-me aqui, coberta apenas pela luz das estrelas e tocada apenas pelo orvalho da manhã.”

Girou o corpo por raio a raio do círculo:

“Quem sou eu?”

“Lilith! Lilith! Lilith!”

Gisele rolou na cama e os personagens do sonho, como que por encanto, foram sendo substituídos.

O segundo nascimento se dá quando saímos de dentro de nós mesmos, na hora em que descobrimos quem realmente somos.

Agora era ela, Gisele, em pé, nua, no centro do círculo e à sua volta milhares de homens desnudos.

“Até o tempo de agora nenhum dos que são terrenos me tinham possuído, desde então, violo todos os dias minha juventude; felizes são aqueles que me tem, mesmo que por uns poucos instantes.

Expulsem suas velhas prostitutas eu vim ocupar seus lugares.”

Pela manhã, Gisele lembrou-se que a parte final do sonho não existia nos anteriores ou existia e não se lembrava; de toda forma, era uma novidade.

Durante o desjejum, a jovem, para surpresa da mãe e das “tias”, simplesmente disse:

— Lilith!

— Quem? — perguntou a mãe, intrigada.

— Eu! Eu sou Lilith.

— Por que isso agora — quis saber Carmem.

— É! Por quê? — Gina perguntou o motivo, embora tivesse a certeza de o saber.

— Para adotar um novo nome tem que ter um motivo — completou Creysa, que há tempos já era conhecida apenas como Bruna.

— Bom! Donas Clotilde, Angelina, Zanira e a senhora dona Creysa, cada uma com os seus respectivos sobrenomes... será mesmo que eu preciso explicar?

— Mocinha, todas nós entramos na vida por falta de opção; você não tem razão pra isso.

— Vocês podem não ter tido opção, todas vocês, mas está é a minha opção; satisfeitas?

As mulheres ficaram por alguns instantes apenas uma olhando para a outra.

— Acha mesmo que vão colocar você nos hotéis? — Perguntou Carmem, mesmo sabendo que Gisele não tinha nada de inocente.

— Com essa onda de pedofilia, nem pensar; eles têm até medo de indicar — completou Gina olhando para a garota.

— Sem chance — Bruna balançou a cabeça.

— Eles não vão me indicar, vocês vão!

— Só faltava essa, eu indicar macho pra minha filha — retrucou a mãe.

— Gi... Gisele...

— Lilith! Por favor, Gina.

— Tá bom! Lilith, já temos pouquíssimos clientes, como vamos dividir com você.

— Eu estou quase a zero de clientes, se tirar um entro no negativo — disse Carmen.

— Não são esses que eu quero, são os que vocês perderam; aqueles que tinham quando eram mais novas.

— Nesse ponto ela tem razão, eu mesma tenho uma meia dúzia que parou de sair comigo porque gostam das novinhas; gente fina, mas gosto é gosto — Gina concordou.

— E você Carmem — Lilith perguntou.

— É... concordo! Também já perdi muitos.

— Bruna?

— Não posso dizer que não.

— Mãe...

— Ora, você sabe que sim; pra dizer mesmo a verdade, dos antigos: T o d o s!

Por um instante a sala ficou em silêncio, se sentiram chamadas de velhas; mesmo que com muita delicadeza.

— Então estamos conversadas — disse Lilith com a intensão de quebrar o gelo e encerrar o assunto.

Capítulo 6

Almir foi iniciado no sexo por Gisele e desde então estava perdidamente apaixonado pela garota. Com ela aprendeu a ser um amante para mulher nenhuma colocar defeito, embora não tivesse tido ainda a oportunidade de mostrar seus talentos a qualquer outra.

Aos quinze anos já podia ser considerado um gigante. Moreno, forte, dono de um corpo malhado nas academias às quais fazia questão de acompanhar Gisele; tudo isso, acrescido de uma alimentação saudável e balanceada e algumas vitaminas importadas, o resultado foi um metro e oitenta de puro músculo. Sem vício algum, dedicado aos estudos e com uma inteligência fantástica, tinha tudo para um futuro promissor; não fosse a rebeldia, principalmente contra o poder constituído. Sua única dor de cabeça era a paixão pela amiga e o envolvimento dela com todos os homens que conhecia.

Por volta do meio-dia, assim que chegou do colégio, encontrou a amiga deitada na sua cama. A adolescente se levantou e esticou a mão direita.

— O que é isso Gi? — perguntou Almir, estranhando a mão estendida; a garota sempre o

recebia com um beijo ou, no mínimo, um beijinho no rosto.

— Estou me apresentando ué... muito prazer, Lilith.

— Mais essa agora... o que você tá tramando dessa vez?

— Vou recuperar os clientes fujões.

— Clientes de quem?

— Das quatro!

— Não tá muito novinha? — Almir entendeu o propósito daquela novidade.

— Dezesseis! Quase dezessete.

— Isso eu sei, por isso, novinha.

— Ora, você não vale; crescemos juntos.

— Quem não te conhece que te compre.

— E compram mesmo, quer apostar?

— Não! Nesse campo você é imbatível.

— É! E como você sabe, conhece alguma outra?

— Você sabe que não, mal dou conta de você; parece que só pensa naquilo.

— Falando nisso, que tal tirar essa roupa; preciso treinar.

— E lá tenho cara de instrutor — riu o rapaz enquanto jogava as roupas no chão.

— Você tá mais para *sparring* — a garota deu uma gargalhada.

Jovens, sem muita preocupação com a vida, continuaram transando até o rapaz arriar bandeira.

A mocinha estudava no período da tarde e esse normalmente era o tempo que Almir tinha para ficar a sós; à noite os dois iam para a academia. As mulheres mais velhas quase sempre tinham algum programa nesse horário.

Nesse dia sua paz durou pouco, por volta das três da tarde Carmen chegou. Acostumado a ver a *tia* sempre alegre, Almir notou logo que alguma coisa estava errada.

— Que foi tia?

— Tia é a vó!

Almir sabia que elas não gostavam de ser chamadas de tia, quer dizer, não mais agora que ele e Gisele já as tinham passado em altura fazia tempo; mas normalmente suportavam bem no ambiente familiar. Por isso estranhou a reação.

— Não quis ofender.

— Eu sei que não! Merda! Sou eu, não liga não meu amor; a tia tá nervosa.

— Quer conversar?

— Desde a conversa com a Gi, quer dizer, com a Lilith, já deve estar sabendo; acho que caiu a ficha. Hoje só porque um cliente, cliente antigo, quase um amigo, falou que eu devia trocar as fotos do face... enfiei a bolsa na cara dele. Depois pedi

desculpas... agora tá tudo bem; mas é isso. Não é culpa da Gi, somos nós, estamos velhas mesmo; são poucos que querem coroa hoje em dia.

— Eu não te acho velha!

— Obrigado amor, mas eu tenho espelho. Sou a mais velha de todas, na verdade já era uma coroa quando as conheci e você já vai fazer dezesseis; dá pra sacar?

— Mas tem homem que gosta de mulheres mais experientes — Almir contornou.

— Experiente! Eu? Perto da Lilith eu sou amadora. Não meu amor, hoje querem menininhas que dançam funk e eu nem eguinha pocotó.

— Vai me dizer que não existe mais quem goste de uma coroa boazuda?

— Existir existe, o difícil é achar um desses no meio de tantos lobos procurando chapeuzinhos; ou melhor, em meio a tantos que procuram essas da geração Lilith.

Almir resolveu não insistir, nessa idade já sabia que certos fatos da vida a pessoa tem que resolver sozinha. Abriu um livro que tinha nas mãos para ler as matérias, mas não conseguiu. Uma voz estranha ressoava em sua mente com um chamado.

“Venha, é urgente!”

“Venha!”

Não conseguiu identificar quem o chamava, isso nunca tinha lhe acontecido antes, mas não era Lilith; embora ele tivesse o pressentimento de que se referia a ela.

— Vou sair Carmen, mas volto logo.

A mulher apenas olhou, envolta que estava com seus próprios pensamentos.

“Direita! Na rua à direita.”

Assim que ganhou a rua a voz continuou insistindo no comando.

“Direita!”

Sem saber por que seguiu no rumo indicado.

“A trilha, sobe pela trilha.”

Almir conhecia bem aquele lugar, traficantes o usavam para descer da favela que existia na parte de cima; a trilha terminava em um pátio.

“No pátio!”

Escutou novamente e agora sabia que se referia ao pátio abandonado de uma antiga fábrica falida. Começou a correr, algo lhe dizia que Gisele estava em perigo.

Assim que Almir passou por uma abertura no muro escutou vozes. Andou sorrateiro até ver o que acontecia. Cinco rapazes de uma quadrilha do morro imobilizavam a garota, um em cada membro e o quinto tapava a boca de Gisele.

Ela estava nua e com as pernas abertas.

O sexto elemento tinha acabado de tirar a roupa, estava nu e desarmado, mas os outros tinham armas na cinta e ainda pode ver um fuzil apoiado em um pneu velho.

Almir ainda viu uma velha choramingando num canto, contrariada; mas sem nada poder fazer para ajudar a menina.

Naquela situação não havia nada que Lilith pudesse fazer e em sua mente nem ele; chamar a polícia era besteira, quando chegasse, se chegasse, de nada adiantaria. Gritar, também era idiotice; ninguém viria para ajudar.

Eu não vou ver isso! — Tomou uma decisão.

— Soltem a garota! — Gritou o mais forte e alto que pode.

O que estava sem roupa olhou para ele e riu com desdém. Pegou o fuzil que estava apoiado no pneu e fez ponto de tiro sem nada falar.

Almir ainda pode ver a velha se benzer e pensou na morte, sentiu um vento gelado, como se uma enorme ave pousasse próximo às suas costas e viu tudo escurecer à sua frente.

Um tiro, dois, três e, depois, o pente inteiro.

Nada! Não sinto nada! Não vejo nada!

Será que isso é a morte?

— Vocês dois, acabem com ele; estou sem balas — gritou o do fuzil.

Almir não podia ver, mas os dois indicados eram os que seguravam os pés de Gisele. Sacaram os revolveres e começaram os disparos.

Eu escuto os tiros, mas continuo não sentindo nada; também não vejo nada.

Não sabia que continuamos a ouvir mesmo depois de morto.

Eu queria saber o que está acontecendo.

— Chega mais perto, estão errando — gritou aquele que dava as ordens.

— Igual você errou... é isso?

— Eu não tenho mais balas.

— Eu também não.

— Vão seus idiotas, troquem com aqueles bocós.

55

Os três que seguravam Gisele viram o que estava acontecendo e ficaram com medo.

— As balas não entram no cara... corpo fechado; eu não vou ficar aqui — disse o que segurava a boca da garota e, em seguida, saiu correndo.

— Socorro! Socorro! Socorro! — Gisele se pôs a gritar.

Com os gritos da garota os dois que a seguravam pelos braços ficaram indecisos e quando um deles soltou o braço da jovem e correu, o outro também saiu em disparada.

Almir podia sentir o desespero na voz de Gisele, mas descobriu que não podia se mexer. Estava paralisado, mas estranhamente sem medo algum.

— Peguem as facas, vamos acabar com esse merda; depois acertamos as contas com os três fujões.

De facas em punho os três caminharam no rumo de Almir que, estranhamente, continuava em pé e inerte. O que estava pelado caminhava um pouco à frente dos outros dois.

— Um de cada lado e eu pelo meio, vamos acabar com esse cara, ele é um só — disse o que sempre dava instruções, a cerca de dois metros de Almir.

Gisele pressentiu o que ia acontecer e fechou os olhos.

Almir sentiu um vento se deslocando para trás e depois para a frente e por instantes pode ver os três homens e mais ao fundo Gisele cobrindo o rosto com uma blusa. No instante seguinte viu os rapazes das laterais sendo levantados até uns três metros do chão como se espetados por baixo do queixo. O terceiro ainda olhou os companheiros, mas valente correu pra cima de Almir.

Almir pode ver o homem sendo levantado por algo que havia lhe ultrapassado o peito.

O valentão olhou por segundos o próprio peito por onde escorria um jato de sangue. Estava morto quando escorregou para o chão.

Almir olhou para os três homens mortos, os dois das laterais tinham a cabeça vazada de baixo do queixo até o tope; um buraco de mais de cinco centímetros de diâmetro, como se tivessem sido vazados por um chifre de rinoceronte. Nenhum deles teve tempo para gritar. Sentiu um vento forte e um barulho igual ao bater de asas. Correu para Gisele que ainda estava caída no chão com parte das roupas cobrindo o rosto.

— Gi! Gi... acabou!

— Você está vivo! — disse para Almir, com os braços em volta do pescoço do rapaz.

— Calma, coloca suas roupas; eu vou ver se aquela senhora está ferida.

Gisele se lembrou de ter visto a velha quando foi arrastada para o local, ela estava a uns vinte metros dali sentada próxima a uma pilha de garrafas e papelões. Começou a colocar as roupas enquanto Almir caminhava no rumo da velha senhora.

— A senhora está bem?

Achou estranho a velha se benzer três vezes. Repetiu a pergunta:

— A senhora está bem?

— O demônio que te protege é de dar medo.

— Demônio? Se alguém ou alguma coisa estava nos protegendo só pode ser um anjo.

— Que seja moço, mas foi terrível. Ele primeiro cobriu sua frente com as asas, as balas batiam e resvalavam, depois, enfiou o esporão de uma asa em um e o outro no outro; o Capeta, aquele do fuzil, a espada o atravessou no meio do peito e o levantou até que ele escorregasse até a proteção de mão, depois, quando a espada foi abaixada ele escorregou até o chão. O Capeta não valia nada, quantas meninas eu já vi ele estuprar aqui; esse eu gostei que morreu. Os outros não deviam valer grandes coisas também.

— Almir, vamos embora; eu quero ir pra casa.

Era Gisele chamando e o rapaz se despediu da mulher.

— Vão em paz meus filhos e podem ficar tranquilos, não vou falar que ouvi seus nomes.

— Se puder não contar o que aconteceu aqui eu fico agradecido — pediu antes de sair.

— Velha, pobre e... louca! Não! Esquece! Eu já esqueci, também... quem iria acreditar.

Os dois começaram a descer a ladeira e Gisele, já refeita do trauma, insistia em perguntas:

— Você tem mesmo corpo fechado?

— Não sei e não sei também o que houve. É melhor esquecer o assunto — Disse o rapaz, omitindo o que a velha havia lhe contado.

— Mas como você conseguiu matar os três?

— Esqueça! Quer que eu vá parar na cadeia?

Ambos, felizes por saírem com vida, e para não preocuparem ainda mais as pessoas que lhes eram queridas, omitiram tudo à exceção da parte da tentativa de estupro.

A reunião de família sobre aquele assunto terminou por resolver essa questão, alugariam um flat para os jovens.

Gisele e Almir se mudaram no dia seguinte para uma área nobre da cidade; primos e estudantes cujos pais moravam no interior, essa era a justificativa oficial.

Compraram roupas de grife e um celular em especial para Lilith.

— Só atenda se o número estiver cadastrado. Entendeu?

— Sim! Só sair com homens que vocês já colocaram no aparelho.

— Todas nós conversamos com antigos clientes, o velho papo, uma sobrinha que chegou do interior. Todos eles sabem que o cachê é de mil mais o taxi, e você só atende no hotel em que eles estão registrados. Vá sempre de taxi, nunca aceite

carona de ninguém. A desculpa será sempre a mesma, visitar o tio que chegou do interior — foi o pequeno sermão de Mirthes.

— Tio?! E se for um jovem?

— Jovem?! Faz-me rir... *ex-clientes* nossos? A maioria já não era jovem no nosso tempo que dirá agora — Gina riu.

Naquela noite Almir teve um sonho difícil.

Difícil de entender, como ele mesmo acabou classificando.

Acordou no meio da noite e viu em pé num dos cantos do quarto uma entidade. Vestes negras, elmo adornado, um espécie de sarongue que cobria os pés e com o abdome protegido por um largo cinturão; lembrava uma mistura de lutadores da época medieval, mais ou menos um samurai com espada de um cruzado.

“Como você está meu amigo?”

“Graças a você estou bem, mas não devia ter interferido; vai ser punido também.”

“Não! Ele considerou que eu não estava defendendo os humanos.”

“Eu sou humano e Gisele também o é.”

“Nenhum dos dois, segundo Ele.”

“Não?”

“Não! Ele considera humano somente um corpo com um espírito.”

“E por acaso eu não tenho um.”

“Eu disse *um...* você ainda é um anjo; dois em um.”

De forma proposital Gadrel omitiu o *caído*, talvez porque naquela forma Yekun não pudesse compreender.

“Dualidade?”

“Sim! Mas não na forma como você agora em um corpo humano pode compreender.”

“Como assim?”

O amigo ficou pensativo por instantes.

“A única forma de eu consegui explicar para um Almir da vida é colocando o que já está escrito. Lembra-se da história de Adão e Eva, ela não foi gerada de uma costela de Adão; ele se dividiu gerando-a, bactérias e outros unicelulares fazem isso a todo instante, mas no caso descrito uma única vez. Uma benesse do Criador.”

“E Gisele?”

“Lilith?!”

“Sim!”

Pela primeira vez Almir viu o estranho ser se mover; mover a cabeça negativamente, antes de continuar:

“Egrégora! A predecessora de Eva! É tudo que me é permitido dizer no momento.”

“Gisele não tem um espírito?”

“Não! Como eu já disse, a energia que a alma é a de uma poderosa egrégora; e eu não posso te dizer mais nada.”

Foi tudo que pode lembrar-se do sonho com nitidez, do resto dele apenas cenas de voar sobre a Terra. O que mais o intrigava era o fato de que por uns poucos instantes se sentiu Yekun e não Almir e sabia ter um anjo protetor: Gadrel.

Dias depois Almir ficou sabendo que um dos rapazes que haviam fugido tinha assumido o comando da boca de fumo da favela e estava se vangloriando de ter acabado com o Capeta e os outros dois. Lembrou-se também de ter visto nos noticiários que um grupo dos comandos especiais havia declarado que perigosos traficantes tinham sido mortos em confronto.

Coitados! Mortos a quatro mãos: por mim, pelos comparsas, pela polícia e pelo verdadeiro autor das mortes — riu.

Voltou a rir quando lembrou que a forma relatada pelos policiais estava estampada em manchete de muitos jornais.

Em onça morta todo mundo quer pisar no rabo — pensou.

Capítulo 7

Em um dia de shopping Gisele passeava descontraída entre as lojas quando foi abordada por uma mocinha linda, talvez apenas uns dois anos mais velha do que ela.

— Eu te conheço, você é a famosa Lilith.

— Acho que se enganou meu bem, meu nome é Gisele e não me lembro de te conhecer — disse Lilith com alguma incerteza na voz.

— Meu bem, estamos do mesmo lado e pode crer que é verdade; estava louca pra conhecer essa pessoa de quem todos os homens falam.

— Falam é!

— Falam sim... e muito, alguns caras que saíram com você me contaram e fiquei curiosa; quem seria essa concorrente fantástica. E eu tenho que concordar, você é lindíssima; ainda muito mais pessoalmente.

— Como assim... pessoalmente.

— Amor, tem que ficar de olho no celular dos caras, senão vira troféu; veja! — A garota abriu uma foto no celular.

Lilith estava nua na foto.

— Como conseguiu essa foto? — disse com certo nervosismo.

— Calma! Foi um cliente que tirou enquanto você dava bobeira. Ele me mostrou e eu mandei para o meu celular e apaguei no dele, não gosto de sacanagem. Pode apagar, não existem cópias.

Gisele apagou a foto e devolveu o celular.

— Prazer! Já que agora eu sei o seu nome verdadeiro é justo que você saiba o meu. Sílvia Helena, mas conhecida como Rina.

— Certo! Meu nome é Gisele... e esqueça a Lilith — deu um sorriso.

— Se você me chamar de Silvia e esquecer a Rina.

— Sílvia!

— Gisele!

— O número do cara é esse. Ricardo.

— Eu não tenho nenhum Ricardo.

— Procura pelo número.

— Tá aqui, Roberto; que sem vergonha. Esse tá deletado — Gisele apertou a tecla excluir com um movimento forte do polegar.

— No meu também, agora ele que use a mão — Rina riu.

As duas foram lanchar e daquele dia em diante, nas horas de folga, eram sempre vistas juntas. Uma dupla fantástica de loira com morena. Silvia ostentava uma longa e brilhante cabeleira preta que destacava os lindos olhos verdes.

Aquele era um domingo especial, Gisele e Sílvia tinham tirado o dia para comemorarem um mês de amizade.

Shopping lotado e as duas seguravam uma mesa que ao acaso encontraram vaga. Tinham feito seus pedidos e aguardavam a chamada para retirarem os lanches.

— É o nosso! — Sílvia conferiu.

— Vamos!

— Eu vou, você guarda nosso lugar.

— Ok!

Sílvia deixou o celular sobre a mesa e se dirigiu ao balcão. Momentos depois o aparelho tocou e Gisele, curiosa, olhou o número. Depois de vários toques a ligação foi interrompida, pouco tempo depois o mesmo número voltou a chamar e Gisele copiou o número para o seu celular.

— Sufoco! — Silvia chegou com os lanches, colocou a bandeja sobre a mesa, sentou-se e olhou o celular — Não acredito!

— O que foi?

— Esse cara... você não vai acreditar, sabe aquele jogador de futebol — encostou a cabeça no ouvido da amiga e falou baixinho.

— Não?!

— Verdade! Acho que você vai passar o resto da tarde sozinha.

Quando a amiga saiu para se preparar para o encontro Gisele ficou a pensar o que poderia fazer para roubar o tal jogador.

Só tem um jeito, me aproximar ainda mais dela para que me conte como o conheceu. Ligar é furada!

Fez um balanço de todos os homens que constavam na agenda do seu celular e chegou à conclusão que não passavam de velhos. Até então seus pensamentos como Lilith era o de que mil pratos eram sempre mil pratos não importando de quem elas vinham. Mas alguma coisa começou a mudar em sua forma de pensar.

Já era madrugada quando Sílvia ligou:

— E aí, chateada por eu ter te deixado hoje?

— Não, o trabalho em primeiro lugar — riu. De fato Gisele pensava dessa maneira e por essa razão começou sondar a amiga. — Como foi?

— Nem fale... demaiiiss! É bem diferente do que sair com esses velhos corocas.

— Fala assim, mas são eles que nos pagam melhor.

— Nem sempre amiga, esses caras da mídia têm suas namoradinhas e sempre algum paparazzi na cola; então são muito cuidadosos. A zinha é para aumentar o ibope e nós, quer dizer, eu; para aumentar o prazer. Sacou?

— E como você conseguiu entrar nessa? Você falou que eu sou famosa, famosa é você meu bem.

— Não se trata de ser famosa Gi, é que estes caras não procuram meninas nas redes sociais; a maior parte é rastreada. Só na indicação de um amigo em que ele confie. No meu caso, foi pura coincidência; quer dizer, não pura, pura... eu tinha começado a frequentar uns lugares badalados com essa intenção mesmo. Sai com um, depois com outro e terminei nesse. Foi assim!

Depois que desligaram, Gisele ficou fuçando no Google a procura de lugares badalados e pode ver que existia um mundo diferente do qual estava acostumada.

Depois de algumas horas de busca Gisele já tinha um plano traçado.

— Tenho que aumentar meus domínios, afinal eu sou Lilith.

Ficou algum tempo fuçando no perfil de Gina até que encontrou fotos dela em um *point* da capital do Rio de Janeiro.

Só pode ser nesse lugar, tinha visto nas suas pesquisas que aquele lugar é frequentado por uma infinidade de famosos.

Quando Almir chegou, ela o estava esperando com cara de pidona.

— Qual é o pedido? — Foi dizendo o rapaz assim que olhou para ela.

— E como sabe que vou pedir alguma coisa.

— Essa carinha de *pidoncha* não nega. Diga lá!

— Me levar para um passeio completo, com direito a almoço, jantar e balada.

— Não é somente isso. Isso nós já fizemos várias vezes, vamos... desembuche.

— Tá bom! Almoço no Celeiro, jantar no Sushi Leblon e, para completar a noitada, o Nuth.

— Isso é no Rio!

— Sim! Acompanhado de passagens aéreas e hospedagem no Belmond Copacabana Palace.

— Isso vai custar uma fortuna — Almir fez sinal de grana esfregando o polegar e o indicador —, quem vai bancar.

— Eu!

— Tá podendo hem garota.

— Investindo! Já ouviu falar nisso?

— Ok! Vamos dizer que eu concorde, mas e daí; somos menores ou se esqueceu.

— Por enquanto, somente por enquanto.

— Tramando o quê? Posso saber?

— Identidades falsas.

— Isso é crime! Sabia?

— Grande mer... você sabe!

— Mesmo assim não deixa de ser crime.

— Ora, vamos pagar tudo que gastarmos; onde está o crime. Vamos lá, trate de inventar um nome... que tal Éric.

Almir apenas balançou a cabeça, não sabia como dizer não para Gisele.